

Pesquisadores da Unicamp promovem o resgate dos idiomas indígenas

Estima-se que em 1500, quando os portugueses chegaram ao Brasil, eram faladas por volta de 1.175 línguas indígenas no território que compõe o País. De lá para cá, cerca de mil delas deixaram de existir, já que apenas de 160 a 170 desses idiomas são falados até hoje. “Nos próximos 20 anos, esse número deve cair para 150”, alerta o linguista da Unicamp Wilmar da Rocha D’Angelis.

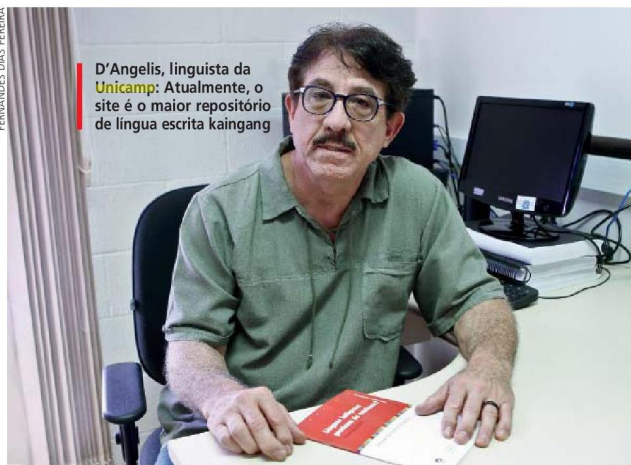
Produção de conteúdos digitais nas línguas nativas é um dos principais recursos do Grupo Indíomas para mantê-las vivas

A preocupação com essa extinção e o interesse em buscar mecanismos para reverter a situação o levaram a idealizar, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade, o grupo de pesquisa Indíomas, responsável, entre outras coisas, pela elaboração do primeiro site com todo conteúdo em uma língua indígena, o kaingang.

“Sua concepção teve base no uso da escrita e do suporte digital como recursos importantes para a manutenção e o desenvolvimento da língua”, explica o professor, que antes de iniciar a carreira acadêmica era indigenista: mantém contato com o povo kaingang há cerca de 40 anos.

Para ele, a escrita na língua nativa para a troca de informações e aquisição de conhecimento é uma forma de gerar desafios e reflexões para o falante, instigando-o a usá-la e fortalecê-la. “A ideia é que o uso do idioma não fique restrito ao ambiente da aldeia, e também não seja instrumento para o resgate da cultura oral na escrita. A proposta é que seus usuários possam modernizá-lo, ao falarem do que ainda não foi falado, e o expandam”, salienta professor.

Portal kaingang – O site *Kanhgág Jógo* (<http://kanhgag.org>), iniciativa inédita no Brasil de inclusão digital de comunidades e de línguas indígenas, é a experiência piloto de um dos principais projetos do Indíomas, o Web Indígena. Criado em 2008 e desenvolvido



D’Angelis, linguista da Unicamp: Atualmente, o site é o maior repositório de língua escrita kaingang

Povo kaingang

O povo kaingang é uma das etnias mais numerosas no País, representada, hoje, por mais de 40 mil pessoas. Elas vivem principalmente em aldeias do Rio Grande do Sul, mas também estão presentes em Santa Catarina e Paraná, além do pequeno grupo que habita o oeste paulista. Do total, cerca de 18 mil não falam o idioma nativo.

Família Jê – As atividades do grupo Indíomas ocorrem relacionadas a quatro linhas de pesquisa: o estudo de línguas do ramo sul da família Jê (principal família de línguas indígenas do interior do país, da qual faz parte o kaingang); o registro e análise de línguas indígenas extintas ou em vias de desaparecimento; a definição de ortografias para esses idiomas e, além do foco principal, também mantém, desde 2015, uma linha de estudo sobre línguas de sinais e ensino bilíngue para surdos.

No âmbito dessas atuações, o Projeto Web Indígena pode ser expandido, a partir de 2013, para outras sociedades, por meio da realização de oficinas de inclusão digital. Até o momento, ocorreram 35 delas, com encontros de três dias em média, para grupos de diferentes etnias.

Além disso, foram organizados telecentros nas aldeias que já tinham contato com o mundo digital. “Fomos atrás de computadores para isso e, hoje em dia, não há nenhuma sem acesso digital, pelo menos nas escolas”, destaca D’Angelis.



Site *Kanhgág Jógo* (<http://kanhgag.org>), iniciativa inédita no Brasil de inclusão digital

em parceria com a Ong Kamuri (Núcleo de Cultura, Educação, Etnodesenvolvimento e Ação Ambiental), além dos apoios da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (Preac-Unicamp) e da empresa Chuva Inc, o portal digital abrange a formação de gestores indígenas (capacitação no software livre Drupal), iniciativa que rendeu à Kamuri o Prêmio Economia Criativa 2012, do Ministério da Cultura (MinC), na categoria Formação para Competências Criativas.

O professor kaingang Selvino Kókáj Amaral atua desde 2009 na gestão do site e na capacitação de outros provedores de conteúdo. Ele conheceu D’Angelis em um curso que o linguista realizou em sua aldeia, localizada em Guaritá, Rio Grande do Sul. Desde então, os dois trabalham juntos em várias iniciativas para a disseminação do idioma indígena. “O portal tem as ferramentas necessárias para que os falantes da nossa língua se envolvam e se interessem cada vez mais por nossa cultura”, explica Amaral.



Professor Kókáj, atuante na gestão do site

tação, para darem conta de sentidos novos.

São exemplos disso o uso de *kã saj* como ‘postar’ (originalmente significa pendurar); de *kyküh* (apagar) como ‘deletar’; *tãgfyn* (levar para cima) como ‘upload’; e *tarem* (carregar para baixo) para ‘download’, entre outros.

O portal traz ainda uma enciclopédia no idioma indígena, e que, a exemplo da Wikipédia, é colaborativa. Por isso, foi batizada de *Vi ki ke pe*, que significa “dito ou feito na nossa própria língua” e faz um trocadilho com o nome do modelo que a inspirou.

Qualquer pessoa pode se cadastrar e postar conteúdos novos tanto na enciclopédia quanto em outras seções do *Kanhgág Jógo*. Para isso, a única condição é de que o material esteja no idioma nativo. Segundo D’Angelis, a ferramenta digital é uma grande oportunidade para a sistematização dessa escrita e do conhecimento que decorre dela. “O site, hoje em dia, é o maior repositório de língua escrita kaingang”, salienta.

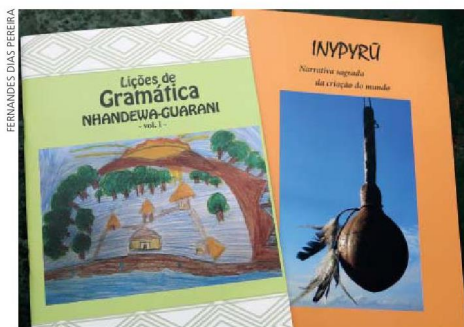
Resultados – Segundo o coordenador do Indíomas, entre os resultados práticos obtidos, destacam-se a criação de um site pelos *nhandewa-guarani* de São Paulo (<http://nhandewa.org>), a retomada do uso do idioma materno por esse povo e o lançamento recente, em parceria com a Ong Kamuri e o apoio da Funai, de duas publicações: o livro *Lições de Gramática Nhandewa-Guarani* (vol. 1), gramática pedagógica para o ensino do dialeto *nhandewa* nas escolas das comunidades, e o “*Inypyry*”, que traz uma narrativa sagrada da criação do mundo.

Outra iniciativa relevante diz respeito à revitalização do kaingang paulista, dialeto que sobrevive atualmente na fala de apenas cinco moradores das aldeias de Icatu (Bratina) e Vanuíre (Arco Íris), no oeste paulista. Por razões históricas, os kaingang paulistas ficaram afastados dos seus irmãos do sul, e hoje são em pequeno número.

Seu dialeto é um pouco diferente dos outros cinco falados, mas todos são mutuamente inteligíveis. “Há algum tempo estamos fazendo o registro gravado dessa variante, com vistas ao seu levantamento linguístico, e pretendemos publicar uma gramática para uso de professores, que será finalizada pelo Selvino”, informa D’Angelis. Para ele, o principal desafio para as realizações é conseguir financiamento, já que projetos não faltam.

“Temos como metas principais, nesse momento, além da continuação das oficinas e da publicação da gramática, a produção de um corretor ortográfico e a expansão da enciclopédia digital no idioma kaingang”, conclui o linguista.

Simone de Marco
Imprensa Oficial – Conteúdo Editorial



Publicações recém-lançadas pelo grupo Indíomas

FERNANDES DIAS PEREIRA

FERNANDES DIAS PEREIRA